

Eu tinha 14 anos no 25 de Abril.

Foi muito bom.

E não tenho qualquer espécie de dúvida de que a vivência democrática que iniciámos a seguir deu frutos preciosíssimos que nunca poderíamos ter recolhido da atmosfera rarefeita que andávamos a respirar antes. Basta olhar para pessoas que admiro, ou recolher amostragens pessoais entre os meus amigos e familiares. É indiscutível que foram estes tempos complexos que permitiram que o Mário de Carvalho existisse. Ou que o Jorge Calado escrevesse para os jornais sobre ópera e fotografia. Ou que a Luísa Costa Gomes produzisse para o Dona Maria composições impossíveis como o *Sob o Céu de Sacadura* e o *Clamor*. Ou que a Cristina Castel-Branco defendesse uma tese de doutoramento sobre os jardins dos vice-reis com perspectivas de aproximação históricas e artísticas radicalmente inovadoras. Ou que o Rodrigo Leão e o Vox Ensemble gravassem o *Ave Mundi Luminar*, e, num só disco, nos abrissem os ouvidos para dezenas de novas possibilidades musicais. Ou que a Helena Marujo e o Luís Miguel Neto utilizassem os seus doutoramentos em psicologia como instrumentos de intervenção social na procura da felicidade possível. Ou que a poesia anarquista e luminosa libertada pela voz do

Jorge Palma se fizesse ouvir por toda a parte. E mais que aflorassem à superfície, e pudessem difundir na praça pública as suas ideias, realizadores como o Joaquim Leitão, filósofos como o Manuel Maria Carrilho¹, paisagistas como o Luís Paulo Ribeiro, especialistas do ordenamento do território como a Helena de Freitas ou a Teresa Pinto Correia, pensadores da ciência como o Ricardo Coelho e o Luís Filipe Barreto, grandes estetas visionários como o José Afonso Furtado, o Sidónio Paes, ou o António José Albuquerque, heterodoxos geniais como o Eduardo Lourenço, e perdoem-me as pessoas que ficaram esquecidas.

Mas, entretanto, precisamente enquanto estava a ser possível acontecer tudo isto, foram passando três décadas.

E, durante esse espaço de tempo, lentamente, subtilmente, ocorreu um fenómeno paralelo do qual provavelmente ninguém estava à espera. Quase não demos por ele enquanto esteve a definir-se. Não temos qualquer marco preciso para podermos estabelecer quando é que foi que o deslize começou a acontecer e como. Passou-se tudo de uma forma que ainda vai precisar de muita análise e de muita atenção. Mas o resultado é incontornável.

Aquela ditadura antiga, a que veio abaixo ao som da terra da fraternidade, poderá ter mergulhado para o fundo do subconsciente colectivo por forma a deixar de estar à vista, mas na realidade nunca chegou a desaparecer completamente. E, entretanto, na sua face visível, foi substituída por outra ditadura diferente, que nós ainda entendemos mal, e que não se fez anunciar por hino absolutamente nenhum.

¹ Eu disse *filósofos*. A parte de espingardar contra a casa de banho do Ministério da Cultura que custou onze mil contos pertence a outro foro e não vem aqui ao caso.

E Depois, Pronto

13

Agora, em consequência, ou a gente desiste ou a luta continua.

Eu, por mim, voto na luta continua.

Mas continua como?

Se o território é novo e praticamente desconhecido, as armas e as estratégias também terão que ser novas. E até é possível que ainda estejam por inventar.

Nesta fase do campeonato, a minha contribuição vai necessariamente ter que ser muito modesta.

Já passei, há pouco tempo, pela vergonha de ouvir uma grande militante antifascista, que tem hoje mais de sessenta anos, que nunca deixou de lutar, e por quem tenho a maior das admirações, dizer-me na cara que geração rasca era a nossa. A das pessoas de quarenta anos como eu. Porque nós é que estávamos no poder. Nós é que estávamos nas empresas. Nós é que estávamos nas universidades e nas escolas. E, por junto, andávamos para aqui a pactuar com esta pouca-vergonha sem fazermos nada.

Talvez a Gabriela tenha razão.

Mas o que ela talvez não tenha percebido é que, para as pessoas da minha idade, já só a parte da luta que implica educarmos decentemente os nossos filhos no meio desta pouca-vergonha, com toda a logística, e pagamento de contas, e horas de trabalho que isso implica, nos enche por completo os dias e nos deixa estafados.

Eu, por exemplo, já nem consigo ler à noite — o que, nos tempos que correm, já seria só por si uma outra forma de continuar a lutar.

Mas, de facto, talvez possa fazer um bocadinho mais.

Escrever sermões, por exemplo. Com a plena consciência, porque já me aconteceu algumas vezes em directo e ao vivo, de que estou a falar do que as outras pessoas pensam

mas não dizem. Resistir tem forçosamente que começar por aqui. Por expor um murmúrio que ainda não começou claramente a ser soletrado à luz crua do dia com todas as letras.

É assim.

Tenho a idade que tenho. Tenho a bagagem do meu percurso pessoal. Tenho tudo o que vi e ouvi antes e depois do dia em que andei a enfiar cravos nas espingardas, como toda a gente à minha volta. E, assente nesta base de dados, penso estar pelo menos suficientemente qualificada para contribuir com bastante conhecimento de causa para algumas reflexões necessárias e urgentes sobre o que é que ainda poderíamos fazer para combater a tal ditadura diferente em que vivemos hoje — partindo do princípio, que admito desde já ter-se entretanto tornado altamente discutível, de que ainda conseguimos arrancar do mais fundo de nós próprios a energia e a calma que semelhantes trabalhos requerem, e que espero sinceramente que ainda nos restem.

Enquanto trabalhava neste sermão, ouvi por várias vezes a crítica de que não era pedagogicamente correcto recomençar a falar em ditadura. Para esta preocupação pedagógica, apresentaram-me vários argumentos. O de que os horrores de hoje não são de forma nenhuma comparáveis aos de há trinta anos. O de que debater as coisas que não estão bem agora pode fazer esquecer que as coisas estavam muitíssimo piores antes; e até acabar por escamotear o facto, tão inegável quanto louvável, de que, a partir da revolução, o país conheceu progressos inquestionáveis, e em inúmeras frentes. E até o de que pôr em causa as consequências colaterais de alguns desses progressos pode sugerir que era melhor nunca se ter mexido em nada.

Com toda a franqueza, estas linhas de argumentação podem derivar de preocupações perfeitamente legítimas e ex-

pressar cautelas muitíssimo bem-intencionadas. Mas, a mim, parecem-me de qualquer forma extremamente perigosas.

Ninguém diz nada? Ninguém protesta? Ninguém denuncia nem injustiças, nem mentiras, nem atropelos à lei e à ordem de espécie nenhuma? Enfia-se apenas a cabeça na areia e continua-se a jurar a toda a gente que estamos muito bem, a viver numa verdadeira democracia, sem qualquer espécie de problemas nem de limitações, e já vamos com sorte? É evidente que ninguém está bem mas toda a gente disfarça e assobia e diz que não há alternativas melhores?

Ainda por cima neste pano de fundo de milenarismo em que estamos a respirar?

Com o povo cheio de medo dos transgénicos mas sem saber porquê?

Com a voz da consciência a sussurrar que, se apareceram priões, foi de certeza porque violámos as leis da natureza e pusemos as vacas a comer carne?

Com as próprias crianças das escolas a discutirem acaloradamente entre si, durante meses e meses, se a bomba da Al-Qaeda ia ser no Euro ou no Rock in Rio?

E com toda a gente com medo do fim do mundo que já começou e pode ver-se todos os dias, e a todas as horas, em vários ângulos e em câmara lenta, em directo pela televisão e em diferido pelos jornais, do horror sem palavras que o descrevam das prisões iraquianas ao americano a ser degolado lentamente com uma faca de cozinha²?

² Para uma magnífica discussão e análise dos fenómenos de milenarismo, que já foram vários e se pautam por padrões próprios e definíveis, leiam urgentemente, porque nesta altura faz mesmo sentido, o *Questioning the Millenium: a rationalist's guide to a precisely arbitrary countdown* do Stephen Jay Gould, que já data de 1997 e não podia ser mais útil para entendermos melhor o que está a acontecer-nos agora.